

Futebol e paternalismo: Criciúma-SC, 1950-1970.

Maurício Ghedin Corrêa¹

Resumo: Este artigo pretende discutir como o futebol foi uma ferramenta de apropriação, de conflito e de disputa entre diferentes grupos/classes sociais na cidade de Criciúma-SC, entre os anos de 1950 e 1970. Dentro desta perspectiva, pretende-se compreender o futebol juntamente com as questões sindicais e os conflitos entre mineiros e mineradores, onde o paternalismo fabril assume papel fundamental.

Abstract: This article wishes to discuss how soccer was a tool of appropriation, conflict and dispute between different groups/social classes in the city of Criciúma-SC, between the years of 1950 and 1970. Working with this perspective, there is the will to understand soccer and the syndical issues and conflicts between miners and employers, where industrial paternalism takes a fundamental role.

Nessas linhas, pretendemos discutir como o futebol foi um importante elemento da cultura da classe trabalhadora e como o mesmo é uma importante ferramenta para compreender alguns conflitos que, sem ele, talvez não pudessem ser vistos. Assim sendo, compreendemos o futebol não como metáfora da vida, dramatização ou um terreno privilegiado para compreender questões da sociedade já conhecidas e consagradas por outros trabalhos.. Aqui, o futebol tem a possibilidade real de revelar algo novo sobre o mundo e, não sendo desse jeito, talvez nem faça sentido estudá-lo. A partir da perspectiva de contextualizar o futebol na cidade de Criciúma – ou seja, tirá-lo das investidas jornalísticas e situá-lo como um objeto da disciplina histórica – entendemos que o futebol é um elemento fundamental para compreender não somente a experiência dos atores sociais, mas também o jogo de interesses e conflitos situado no seio da cidade de Criciúma, onde o futebol assume, em alguns momentos, o papel de protagonista.

A cidade de Criciúma, localizada à aproximadamente 200 quilômetros ao sul de Florianópolis, foi intensamente marcada pela mineração do carvão. A partir dos primeiros anos de atividade mineradora (no começo do século XX), os conflitos entre mineiros e mineradores começaram a se desenhar e foi a imagem de combativa e conflituosa que ficou marcada no imaginário da cidade, dando-lhe o apelido de “Cuba Brasileira”².

¹ Mestrando em História Social na Unicamp, na linha “História Social do Trabalho”. Bolsista CAPES.

² Na década de 1980, em virtude do centenário da cidade (1980), a prefeitura municipal de Criciúma financiou trabalhos que afastassem a imagem combativa do município. Para isso, apostaram na idéia de uma “cidade das etnias”, onde imigrantes das mais diferentes nacionalidades conviveram/conviviam harmoniosamente, trazendo um legado positivo para a cidade. Sobre tal perspectiva ver: ARNS, Otília. **CRICIUMA 1880-1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis: Casa Civil, 1985. Porém, com o posterior fortalecimento do novo

Grande parte dos clubes de futebol foram fundados na década de 1940 e a Liga Atlético da Região Mineira (LARM) surgiu na cidade em 1948. Optamos por iniciar nosso recorte em 1950, em virtude deste ser o primeiro ano em que a cidade passa a contar com um jornal de alguma periodicidade – e os jornais são o grande “carro-chefe” de nossa documentação. O recorte encerra-se em 1970, pois é neste ano que boa parte dos clubes fecharam suas portas, em sua maioria por déficit financeiro. Portanto, utilizando-se das contribuições de Natalie Davis³, podemos afirmar que o fio condutor da nossa narrativa é, sem dúvidas, a própria cidade de Criciúma.

Os mineiros, seu sindicato e os mineradores: A fase local do futebol (1950-1959)

Inicialmente, se faz necessário apresentar os clubes com que trabalharemos. Em verdade, a análise não será centrada em nenhum clube especificamente. A preocupação com o futebol é contextual, e por isso, todos os clubes da cidade aparecerão em pontos da análise, ora como coadjuvantes, ora como protagonistas. Escolhemos quatro clubes para trabalhar em virtude de um único critério: a triagem das fontes.

O único clube que não foi criado na década de 1940, como explicitamos acima, foi o **Atlético Operário Futebol Clube**. Criado em 1935, o Atlético Operário era conhecido por ser o time dos mineiros da CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá)⁴.

O **Esporte Clube Metropol**, “fundado em 15 de novembro de 1945, por um grupo de abnegados funcionários e operários da Carbonífera Metropolitana”⁵, é o clube de trajetória mais curiosa dentre todos que estudaremos. Ao longo de todo nosso recorte temporal, o alvi-verde da Metropolitana deixou de ser um time de bairro, composto de jogadores-operários – que trabalhavam na mina durante um período e treinavam no outro – e restrito aos limites da cidade para se tornar a grande sensação do futebol catarinense da década de 1960⁶.

O **Esporte Clube Próspera** surge na cidade de Criciúma em 29 de março de 1946. O nome “Próspera” surge em alusão ao bairro. A vila operária “Próspera”, em constante

sindicalismo em Criciúma e com a privatização da Cia. Carbonífera Próspera/CSN, os trabalhadores das minas voltaram a fortalecer a imagem combativa do município, explodindo algumas dinamites na cidade.

³ DAVIS, Natalie Zemon. “**Las formas de la historia social**”. *Historia Social*, 10 (1991): 177-182.

⁴ BERNARDO, Roseli Terezinha. **O tempo e os espaços de entretenimento das famílias operárias mineiras**. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis. Cidade Futura, 2004. p. 134.

⁵ Arquivo Público de Criciúma (APC). “Metropol: 16 anos de glórias”. **Tribuna Criciumense**. 13 de novembro de 1961. p. 9.

⁶ Nestes dez anos (1960-1970), foi cinco vezes campeão estadual, duas vezes campeão Sul-brasileiro, excursionou durante 90 dias pela Europa e dominou o futebol catarinense do período.

expansão em virtude da crescente atividade mineradora, emprestou seu nome ao time que por ali se estabeleceria. O time da raça, como era conhecido, era composto basicamente por mineiros da CSN, localizada no bairro Próspera. Assim como os demais clubes citados até então, o Esporte Clube Próspera também, em seus primórdios, mantinha uma estrutura baseada em jogadores-operários e voltada para vila operária⁷.

O último dos clubes que estudaremos é o **Comerciário Esporte Clube**. Fundado em 13 de maio de 1947 por um grupo de comerciantes do centro da cidade, o “Bacharel da pelota”, como se auto-intitulava, era um clube diferente dos demais. Não possuía relação com nenhuma carbonífera, contava com um departamento de futebol mais profissional, possuía um considerável quadro de sócios e seus fundadores, além de grande parte da sua torcida, eram os endinheirados comerciantes – em sua maioria, descendentes dos europeus fundadores da cidade – residentes da região central de Criciúma. Sendo que até o momento de sua fundação os clubes de futebol de Criciúma eram todos de “boca de mina”, o Comerciário aparecia como “um peixe fora d’água”.

Inicialmente, a inclusão do Comerciário pode parecer um pouco destoante. Contudo, entendemos que a presença deste time em nosso contexto de pesquisa é fundamental. Durante a década de 1950, o Comerciário foi extremamente importante para a consolidação do lazer urbano em Criciúma. Aos olhos da imprensa, o Comerciário foi, em grande parte de nosso recorte temporal, o maior clube da cidade e o que mais se preocupou com questões que a imprensa julgava importantes. “Modernização” e “progresso”, por exemplo, eram propósitos que o clube da classe média cricumense não abandonava em hipótese alguma. Sendo que o clube dos comerciantes era o único que não possuía relações com a mineração, debater questões pertinentes a sua realidade nos permite fazer considerações mais aprofundadas sobre o lazer de uma forma mais abrangente. Além do que, a presença deste “peixe fora d’água” nos fornece condições de discutir o que de fato era específico e próprio aos times de “boca de mina” e seus torcedores. Ademais, estudar somente os clubes de mineiros poderia dar a impressão que o futebol em Criciúma fosse algo exclusivo dos trabalhadores das minas, o que, de fato, não era.

Sobre o sindicato dos mineiros, utilizamos uma periodização já “consagrada” na historiografia local. Terezinha Gascho Volpato dividiu a trajetória do sindicato dos mineiros de Criciúma em dois momentos. De 1945 à 1957⁸ o sindicato era visto como “**pelego**” e

⁷ BERNARDO, Roseli Terezinha. Op Cit. p. 138.

⁸ VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão**. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

nunca deflagrou nenhuma greve em suas atas⁹. De 1957 ao advento do golpe militar, a instituição foi dirigida pelos chamados “**combativos**”, declarando greves constantemente e afrontando os donos de carboníferas. Vale ressaltar que, em tempos de sindicato “pelego”, os trabalhadores organizavam suas greves através de comissões por locais de trabalho¹⁰. Todavia, o sindicato não as reconhecia.

Enfim, vamos explicar o porquê de “fase local do futebol”. Durante quase toda a década de 1950, o futebol de Criciúma manteve sua estrutura praticamente amadora. Os clubes de “boca de mina” recebiam pouco auxílio das carboníferas, se sustentavam principalmente por doações e seus atletas eram mantidos através do vínculo de jogadores-operários. Esses jogadores trabalhavam na extração de carvão, mas conseguiam liberação do serviço para treinar e/ou jogar futebol¹¹. Ou seja, a preocupação dos clubes e dos torcedores era local: os torneios citadinos, as rivalidades entre bairros e vilas operárias, etc.

Durante essa década, o Comerciário foi o grande destaque da cidade: conquistou a maioria dos títulos, construiu o melhor estádio e se tudo continuasse daquele jeito, se transformaria, rapidamente, na grande potência esportiva de Criciúma. Nessa fase, o grande horizonte esportivo dos clubes de Criciúma era o próprio torneio citadino: o campeonato da LARM.

A própria imprensa de Criciúma não escondia a predileção pelo time do comércio e os motivos para isso são diversos: a relação de cordialidade estabelecida com os órgãos de imprensa, a presença de figuras de prestígio na direção do clube, entre outros. Todavia, certamente o principal motivo para que o Comerciário fosse tão reconhecido pela imprensa da

⁹ Quanto à ausência de registro das greves dos trabalhadores nas atas do sindicato podemos citar: VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984. e GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. **Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos 1950 e 1960**. In: Memória e cultura do Carvão em Santa Catarina. Florianópolis, Cidade Futura, 2004. Um trabalho que trata de greves dos trabalhadores sem a anuência do sindicato é LEMOS, Gustavo Perez. **Mineiros e Sindicalistas em Criciúma: A greve de 1952**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. (Trabalho de Conclusão de Curso em História).

¹⁰ Em “Trabalhadores e sindicatos no Brasil”, Marcelo Badaró Mattos ilumina algumas questões contextuais que contribuíram para as organizações por local de trabalho. Entre os argumentos apontados pelo autor, a passividade dos dirigentes pelegos e a orientação de contenção das atividades dos militantes comunistas aparecem como fundamentais contribuições para este tipo de organização dos trabalhadores. Para uma discussão mais detalhada ver: MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro. Vício de Leitura, 2002. p. 51. Dentro da historiografia catarinense, temos o trabalho de Gustavo Perez Lemos sobre a greve de 1952 na cidade de Criciúma.

¹¹ Para uma discussão sobre os jogadores-operários ver LEITE LOPES, J. S. **Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro**. In: BATALHA, Cláudio.; SILVA, Fernando Teixeira da.; FORTES, Alexandre. **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora Unicamp, 2004 e ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. **O futebol nas fábricas**. *Revista USP*, nº 22, jun./ago.1994.

cidade era a imagem que construiu dentro do espaço público. Em um momento histórico de fortalecimento da indústria nacional e dos núcleos urbanos o Comerciário era o clube que sempre promovia melhorias em sua praça esportiva, realizava eventos sociais para a classe média criciumense, etc. Em outras palavras, o Comerciário era apontado pelos jornais como o clube que mais contribuía para que a cidade de Criciúma se tornasse melhor, maior e urbanamente mais desenvolvida. Além disso, os comercialinos contavam com o prestígio de serem os grandes detentores da atividade comercial da cidade¹².

Voltemos para as minas. O futebol de fábricas já foi alvo de algumas investigações dentro das ciências humanas. As perguntas giram em torno do por que, em algum momento, os empresários acharam que deveriam investir no futebol. Essa é uma das preocupações da socióloga Fátima Martin R. Ferreira Antunes em um artigo intitulado “O Futebol nas fábricas”. Dentro de sua argumentação, a autora levanta algumas interpretações e alguns pontos de debate sobre este assunto. Anatol Rosenfeld defendeu o argumento de que o interesse dos patrões em incentivar o futebol entre os operários era centrado na intenção de domesticar seus corpos para o trabalho e desenvolver neles um sentimento de grupo identificado com a empresa¹³.

Waldenyr Caldas rejeita o argumento de que os patrões mantinham interesse em aprimorar a disposição física dos trabalhadores pelo simples fato de que não eram todos os trabalhadores que poderiam jogar futebol. Inclusive, tendo em vista o sucesso do time (e conseqüentemente a popularização da fábrica), muitos operários passaram a ser contratados menos pelo seu potencial produtivo e mais pela sua habilidade com os pés. Com a contratação desses funcionários “bons de bola”, os trabalhadores que antes jogavam no time acabavam por ir para as arquibancadas¹⁴.

Prosseguindo com o debate, Alfred Wahl - ao debruçar-se sobre o processo de difusão do futebol na França - menciona o interesse dos empresários em promover, através do futebol, uma identificação entre clube e empresa, “suscitando a crença de que jogadores, trabalhadores e patrões formavam uma grande família”¹⁵. Segundo Wahl, a vitória no futebol aumentaria o orgulho dos trabalhadores pelo clube e pela empresa à qual estavam ligados. Tal sentimento

¹² Para uma discussão mais aprofundada ver o capítulo 1 de CORRÊA, Maurício Ghedin. **Lembrando os Heróis do Passado: uma História Social do futebol em Criciúma (1950-1970)**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso).

¹³ ROSENFELD, Anatol. **O futebol no Brasil**. In: Revista argumento, ano I, nº4, 1973, pp. 61-85. **apud.** ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. **O futebol nas fábricas**. *Revista USP*, nº 22, jun./ago.1994. p. 105.

¹⁴ CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)**. São Paulo, Ibrasa, 1990. p. 31. **apud.** ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Op. Cit.*

¹⁵ WAHL, Alfred. **Le Footballeur Français: de l'Amateurisme au salariat (1890-1926)**. In: *Le mouvement Social*. Nº 135, avril-juin./1986 pp. 7-30. **apud** ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Op. Cit*

otimizaria a produção e diminuiria os conflitos no local de trabalho. Neste sentido, o argumento de Wahl se mostra bastante funcionalista, pois centra a atuação dos operários em função somente dos impulsos e propostas dos patrões, desconsiderando totalmente as ações, expectativas e experiências dos trabalhadores. Além do que, sugere alguma debilidade no contato dos trabalhadores com o futebol. Como se os mesmos vissem as vitórias no futebol e, com isso, se dessem por satisfeitos com suas vidas. Mas é, certamente, um argumento que deve ser investigado com um pouco mais de cuidado. Estas premissas de Alfred Wahl serão debatidas à luz do contexto criciunense na década seguinte: a fase “regional” do futebol.

Greves e paternalismo: A fase regional do futebol (1960-1970)

Bem, é preciso explicar como, repentinamente, o futebol deixa de ser local para se tornar regional. Conforme mencionamos acima, o sindicato passou por uma drástica mudança de diretoria em 1957. Os chamados “pelegos”, que faziam do sindicato uma casa de assistência social e não reconheciam as greves dos trabalhadores, perderam as eleições para os “combativos”, que traziam uma proposta ideológica diferente para o sindicato.

O efeito da troca foi imediato: entre 1957 e 1959, os mineiros e seu sindicato deflagraram três greves em Criciúma reivindicando, entre outras coisas, aumento de salário. Foi nesse contexto turbulento que os sócios Diomício Freitas e Santos Guglielmi compraram a Cia. Carbonífera Metropolitana. A empresa – antes de propriedade de Euvaldo Lodi e administrada do Rio de Janeiro – estava passando por dificuldades e, segundo José da Silva Júnior, era um paraíso para quem quisesse trabalhar pouco e receber bem¹⁶.

Imediatamente após a compra da carbonífera, os sócios decidem investir no futebol para deixar os operários “mais calmos”¹⁷. Em 10 anos de investimentos, o Metropol se tornou penta-campeão catarinense, bi-campeão da Taça Sul Brasil e promoveu uma excursão de 90 dias aos gramados europeus, tornando-se a grande sensação do futebol catarinense – e sul brasileiro – na década de 1960. Dentro deste contexto, com a intensa profissionalização do Metropol, os outros clubes da cidade acabaram obrigados a tentar correr atrás do agora imponente time da Metropolitana, profissionalizando-se e alçando horizontes mais distantes, como o campeonato estadual. A soma investida no Metropol foi absolutamente alta e Dite Freitas, filho de Diomício, tornou-se o patrono do time. Nas palavras do próprio,

¹⁶ SILVA, Jr., José da. **Histórias que a bola esqueceu** – a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

¹⁷ Idem.

“Na época nós tínhamos por objetivo o conagraçamento dos funcionários da Metropolitana com a direção da empresa. Foi uma maneira de se aproximar dos trabalhadores. Acontece que em 59 houve uma grande greve na carbonífera. Foi uma greve que marcou muito, que deixou alguns ressentimentos. Uma greve de 29 dias. Naquele tempo não existia Metropol profissional, só um time amador e fraco, que existia apenas no papel. Era um time sem qualquer expressão. E nós, quando assumimos a direção da empresa, prometemos investir no Metropol como meta principal na parte social. Em troca, pedimos o apoio dos funcionários para recuperar a empresa. Demos o Metropol como retribuição, portanto.”¹⁸

Não consta em nossas fontes uma greve que tenha durado 29 dias em 1959 e é bastante possível que o senhor Dite Freitas tenha sido traído pela memória. Em maio de 1959 uma greve foi deflagrada e durou não 29, mas 19 dias¹⁹. Voltando ao que importa, podemos perceber na fala de Dite Freitas que os investimentos no Metropol surgiram como algo muito maior do que o simples interesse pelo esporte bretão. A idéia principal é a de que, em troca do futebol, os trabalhadores deveriam manter-se longe das atividades subversivas. Neste caso, acreditamos que o argumento de Alfred Wahl, que expomos acima pode, de alguma forma, dar conta do contexto criciumense. A intenção dos Freitas era mesmo este conagraçamento, onde funcionários, jogadores e patrões conviveriam juntos e batalhariam pelo bem comum, como uma grande família. O pai, Diomício Freitas, cuidaria dos seus filhos de forma a garantir o que fosse melhor para todos. Mas isto, definitivamente, não quer dizer que os trabalhadores pensassem da mesma forma.

Michelle Perrot traz interessantes considerações sobre o paternalismo francês do século XIX. Segundo ela, o paternalismo é uma herança de tempos de economia/manufatura familiar, onde o pai – patrão – era o responsável pela produção e disciplina da manufatura. Perrot defende o argumento de que, ao invés de destruir a célula familiar, a revolução industrial a fortaleceu em alguns casos, visto que o modelo paternalista (baseado na manufatura familiar) ainda persistia dentro da fábrica, onde os pais eram os responsáveis pela disciplina de seus filhos – que também trabalhavam na fábrica. No paternalismo, as relações sociais do trabalho são concebidas conforme o modelo familiar: o patrão é o pai, os operários são os filhos. Ainda segundo a historiadora francesa, “os trabalhadores aceitam essa forma de integração, e até a reivindicam. Eles tem a linguagem e o espírito da “casa”; tem orgulho em pertencer a empresa com a qual se identificam”. Inclusive, a “(...) adesão operária é

¹⁸ Entrevista com Dite Freitas. In: Revista “**O futebol da região mineira**”. P. 8.

¹⁹ GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Op. Cit. p. 81-82.

absolutamente necessária para o funcionamento de um sistema paternalista: quando ela deixa de existir, o paternalismo se esboroa e torna-se urgente encontrar um outro tipo de relação”²⁰.

Alexandre Fortes, ao debater a figura do industrial porto-alegrense A. J. Renner, também traz interessantes considerações sobre o paternalismo fabril. Segundo o autor, Renner era visto pelos operários como um pai: uma figura humanitária, preocupada com o bem dos trabalhadores e com seus direitos. Trazia consigo a imagem da justiça e, com isso, amortecia os conflitos entre capital e trabalho.²¹

Os trabalhos que debatem de forma satisfatória o paternalismo de fábrica são bastante escassos, e por isso, fomos buscar outras informações sobre paternalismo nos trabalhos sobre escravidão. Apesar de tratar de uma relação bastante diferente, podem nos ser úteis para pensar algumas outras possibilidades de análise, principalmente porque estamos todos tratando de relações de classe. Eugene Genovese afirma que o paternalismo

“(…) surgiu da necessidade de disciplinar e justificar, moralmente, um sistema de exploração. Estimulava a bondade e a afeição, mas também, simultaneamente, a crueldade e o ódio. A distinção racial entre senhor e escravo acentuava a tensão inerente a uma ordem social injusta”.

Ainda na argumentação de Genovese, o paternalismo sulista trazia consigo um sistema de obrigações mútuas – deveres, responsabilidades e até direitos – constituindo-se num complexo sistema de interação entre partes conflituosas²².

E. P. Thompson dá números finais ao nosso debate sobre paternalismo. Segundo Thompson, paternalismo é um termo frouxo e carregado de imprecisões, mas nem por isso deve ser abandonado. Se não for devidamente refinado, é um conceito que traz consigo uma visão da relação social a partir de cima, que pressupõe calor humano e alguma cumplicidade. O pai sabe de suas obrigações e enxerga à frente o que de fato é melhor para seus filhos, que lhe devem, acima de tudo, obediência e subserviência. Tudo isso, numa relação mutuamente consentida²³.

O caso de Criciúma é bastante difícil de categorizar. Temos absoluta desconfiança dos escritos que consideram o futebol um “ópio do povo”, pois a visão é simplista e reducionista e pode trazer consigo, também, uma visão da relação social a partir “de cima”. O futebol como

²⁰ PERROT, Michele. **As três eras da disciplina industrial na França do século XIX**. In: Os excluídos da História. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1998. p. 61 e 62.

²¹ FORTES, Alexandre. “Nós do quarto distrito”: A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Campinas, 2007. (tese de doutorado). P. 169-269.

²² GENOVESE, Eugene. **A terra prometida: o mundo que os escravos criaram**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988. P. 22-25

²³ THOMPSON, E. P. **Patrícios e Plebeus**. In: Costumes em Comum. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

ópio do povo sugere uma classe trabalhadora absolutamente débil, que, enquanto rola a bola, torna-se presa fácil – e imediata – para qualquer tipo de dominação de classe. Além disso, traz consigo um pensamento bastante vanguardista centrado na premissa de que os trabalhadores são todos alienados por pensarem em futebol e não em anseios revolucionários. Todos os trabalhos acima citados vêem o paternalismo como um sistema de relações recíprocas que tem, por função final, amortecer os conflitos da luta de classes. A relação entre os mineiros da Carbonífera Metropolitana e da Catarinense – ambas do grupo Freitas/Guglielmi – com seus patrões (especialmente os Freitas) foi bastante tensa. Contudo, nas eleições para diretoria do sindicato em 1961, nas urnas de ambas as carboníferas a chapa “pelega” ganhou com ampla margem de votos²⁴. O fato é, por demais, estranho. Até porque, em janeiro de 1960, Criciúma passou pela maior greve vista até então, e seu início e foco foi na Metropolitana.

Poderíamos, com base nesses dados, afirmar que o Metropol cumpriu com suas obrigações e alienou todos os trabalhadores. Porém, na eleição de 1957, quando os combativos foram eleitos, a escola da Metropolitana registrou, também, uma quantidade esmagadora de votos para a chapa “pelega” – que fora derrotada nesta mesma eleição. Nesta época, os Freitas ainda não eram donos da carbonífera e ainda não haviam investido no Metropol. Por alguma razão que **ainda** desconhecemos, nas eleições sindicais que vimos, os mineiros da Metropolitana foram contra a chapa combativa. Mas, em contra-partida, foram protagonistas de fortíssimos movimentos paredistas. Isto talvez se explique por áreas de “influência”²⁵ de líderes sindicais e a forma como os trabalhadores de determinada localidade se relacionavam com o sindicato. Ou então, pelo fato de alguns trabalhadores terem votado na urna da sede do sindicato – ou em uma outra urna qualquer – e não nas urnas da Metropolitana. Logicamente, os trabalhadores não fazem política somente no espaço sindical, mas é, no mínimo, curioso o resultado das eleições do sindicato nas urnas da Metropolitana.

É necessário que a greve de 1960 seja mais bem debatida. De 4 a 28 de Janeiro, os trabalhadores das minas de Criciúma abandonaram seus postos de serviço. A greve foi quase geral na região carbonífera, sendo que somente os municípios de Lauro Muller e Urussanga não aderiram a paralisação. A reivindicação do sindicato era o pagamento da taxa de insalubridade que estava sendo negligenciada pelos mineradores. Os mineiros da Metropolitana (e somente da Metropolitana), porém, cobravam dos patrões melhores salários e condições de trabalho, e por isso, o sindicato organizou uma passeata pelas ruas de Criciúma

²⁴ LEMOS, Gustavo Perez. **Mineiros e sindicalistas na cidade do Carvão: Criciúma, 1952-1964**. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. (dissertação de mestrado).

²⁵ É importante ressaltar que quando falamos em “áreas de influência”, não estamos sugerindo nenhuma espécie de cooptação e/ou manipulação dos trabalhadores pelos líderes sindicais.

em apoio aos mesmos²⁶. Há uma foto dessa passeata. Na referida, um grande número de trabalhadores munidos de faixas estão passando em uma rua. Numa dessas faixas há os seguintes dizeres: “*Os mineiros de todas as minas solidários com os companheiros da Metropolitana.*”²⁷. Na verdade, essa cobrança dos mineiros da Metropolitana era relativa às promessas feitas pelos patrões na greve de 1959, e que ainda não haviam sido cumpridas. Quando falamos acima que o Sr. Dite Freitas foi traído pela memória, não nos referimos ao número de dias de duração da greve, mas sim, ao ano em que a tal greve referida pelo minerador aconteceu. Nessa greve de 1960 – início de 1960, é verdade – os trabalhadores da Próspera e da Metropolitana voltaram ao trabalho após 29 dias. Nas atas do sindicato, os Freitas foram acusados pelos mineiros de traidores e escravizadores dos operários. Foi, sem dúvida, a maior greve que a cidade de Criciúma vira até então.

Conforme consta em nosso debate acima exposto, a relação paternalista só se sustenta se for mutuamente consentida, envolvendo expectativas e obrigações de ambos os lados. Acreditamos que o Metropol não alienou todos os trabalhadores – como alguns podem imaginar. Contudo, não há como negar que algum resultado ele conseguiu. O resultado das eleições de 1961 – que expomos acima – é um indício disso. O Metropol era somente um dos “braços” da política social dos Freitas na Carbonífera Metropolitana. Na reinauguração do estádio do Metropol – que havia passado por reformas – em 1961, Diomício Freitas proferiu longo discurso, que foi transcrito na íntegra no Tribuna Criciumense. Segue abaixo:

“Meus senhores:

É com imensa satisfação que em meu nome e no da direção da Companhia Carbonífera Metropolitana, inauguramos este Estádio, dando-lhe o nome de um grande homem, batalhador, incansável pela indústria extrativa do carvão, e de todos bem conhecido – EUVALDO LODI.

Denominando de EUVALDO LODI, o Estádio do Esporte Clube Metropol, prestamos uma homenagem póstuma a esse grande brasileiro, que agora tem seu lugar junto aos justos, pela sua bondade, pelo seu trabalho, seu caráter íntegro e pelas suas virtudes intelectuais e morais.

Confessamos, mais uma vez, a nossa sincera alegria, por estarmos reunindo a família metropolitana, e mui principalmente, com os operários desta empresa, sustentáculos das nossas minas.

Somente os que sentiram na carne o que nós sentimos, quando, há dois anos passados, tomávamos o leme dessa Carbonífera, poderão avaliar todo o nosso contentamento, por estarmos hoje unidos, empregados e empregadores, neste dia festivo. E com todo ardor de nossa voz, com toda a fé de nossa alma, lembramos, nesta oportunidade aos operários da empresa, que conosco trabalham que:

Não adiantaram as calúnias e as ameaças assim como também não vingaram as agitações, alimentadas por pessoas que tem por único objetivo pregar a destruição e a discórdia.

²⁶ GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Op. Cit. P. 82.

²⁷ GOULARTI Filho, Alcides (org). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis, Cidade Futura, 2004. p. 9.

Felizmente se enganaram essas forças destruidoras e negativas, pois a nossa sociedade irmanada com os operários de boa vontade venceu todas as dificuldades que, muito naturalmente, encontrou em seus primeiros passos. O mais penoso já se foi, deixando-nos a satisfação de havermos vencido.

Prometemo-nos a nos mesmo, após aqueles malfadados dias, que haveríamos de fazer da Companhia Carbonífera Metropolitana um exemplo de empresa, onde empregados e empregadores, com a mesma fé cristã, viveriam dias melhores, de prosperidade, de harmonia, de amizade e de compreensão. E, para jubilo nosso, essa promessa já esta se concretizando. Este estádio que hoje inauguramos, é vosso senhores operários, como serão vossos também os melhoramentos que planejamos e em breve iniciaremos. Como seja: - casas residenciais mais confortáveis, um clube recreativo e, com igual finalidade, ampla assistência aos vossos filhos.

Conosco trabalham operários dignos, que desejam, como nos, cuidar da cultura física dos nossos operários, e realizamos o nosso objetivo, inaugurando uma praça de esportes que ficará ao lado das melhores existentes nos mais adiantados centros.

Este estádio, que representa o esforço conjugado dos operários das companhias carboníferas Metropolitana e Criciúma, é o fruto do estímulo que recebemos destes incansáveis trabalhadores que com a sua cooperação, compreensão, harmonia e boa vontade abriram as portas do nosso coração. Oxalá, possa esse exemplo frutificar e fazer surgir outros estabelecimentos, cujas inaugurações nos tragam tantas alegrias como a que estamos experimentando.

Em parte o nosso trabalho e sacrifício já se acha pago, pela compreensão com que vemos acolhidos os nossos esforços, o que manifesta a numerosa presença nesta solenidade, cerimônia que reúne ainda as mais representativas autoridades e convidados ilustres de nosso estado, do estado da Guanabara e dos estados vizinhos.

Aos dedicados atletas do Esporte Clube Metropol e a sua operosa diretoria, a cuja frente se encontra o senhor Miguel Nápoli, e ao seu técnico Ivo Andrade, queremos expressar a gratidão da direção desta empresa, e também, tenho certeza, a admiração do povo desta região pelas justas vitórias alcançadas, elevando bem alto o nome de Criciúma, no cenário desportivo catarinense.

Aos operários que nos honraram com a sua mui significativa homenagem, perpetuando no bronze a estima que nos dedicam, os nossos mais sinceros agradecimentos e profundo reconhecimento.

A população de Criciúma, queremos, nesta oportunidade também, manifestar o nosso apreço e reconhecimento pelo apoio moral que, em todas as ocasiões e vicissitudes pelas quais temos passado, sempre nos tem dispensado.

Queremos agradecer a presença e S. Excia., o representante do Governo, à S. Excia., o diretor do plano do carvão nacional, à S. Excia., o procurador geral do Estado, à S. Excia., o senhor vice-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, à S. Excia., o Sr. Prefeito municipal, ao Sr. Presidente da federação Catarinense de Futebol, aos senhores mineradores, bem como a todos quantos aqui vieram prestigiar, com a sua presença, esta solenidade.

Queremos agradecer ainda ao Clero pela assistência espiritual prestada aos nossos operários e suas famílias, bem como antecipadamente, pelo ato de fé que nos proporcionará dentro de poucos minutos.

Senhores operários, como já disse, esse estádio é vosso. Aproveitai nas horas de folga o prazer da distração, praticando e presenciando jogos de futebol entre profissionais ou amadores, ou quaisquer competições desportivas, que dignificam e enobrecem o homem.

Esperamos, senhores operários, que aceiteis este estádio, que ora inauguramos com igual prazer e igual satisfação com que vô-lo(sic) ofertamos.

Não pedimos o vosso aplauso, efêmero, por esta realização. Pedimos, isto sim, a vossa compreensão, lembrando que – os que convosco trabalham e que ora vos dirigem, já foram operários como vós e que por isso almejam melhores dias para a família mineira.”²⁸

²⁸ Majestoso estádio – brilhantes festejos. **Tribuna Criciumense**. 5 de junho de 1961. p. 7.

Optamos por transcrever o discurso na íntegra, pois acreditamos que no caso de um eventual corte, o sentido que daríamos a discussão através desta fonte poderia ser prejudicado.

O tom e a figura que se constrói na fala de Diomício Freitas é paternal. Oferece benefícios aos filhos, mas aponta suas falhas e desobediências. Indica os caminhos a serem trilhados e contenta-se pelo fato de que operários e patrões estavam convivendo, naquele momento, na mais completa harmonia. Pedia a amizade e compreensão dos operários, para que juntos pudessem construir uma empresa melhor para todos. Por fim, afirmava que o patrão – o pai – almejava melhores dias para a família mineira, pois já fora operário e sabia os caminhos a serem trilhados.

Todas as referências à agitações e ações que o pai julgaria condenável estão ligadas, muito provavelmente à greve de janeiro de 1960, e o discurso de Diomício Freitas soa como uma espécie de vitória do bem contra o mal. A proposta de Diomício é, visivelmente, uma troca: uma cooperação mútua.

Contudo, o interesse dos dois lados era distinto. De um lado, os mineradores preocupavam-se com a eterna crise do carvão, e buscavam alguma forma de lucrar mais com suas minas. Do outro estavam os trabalhadores, lutando por direitos, benefícios e melhores condições para sua sobrevivência. Essas melhores condições para sobrevivência não referem-se somente a melhores salários, para que ganhassem mais, comessem mais e finalmente ficassem satisfeitos – o efeito “espasmódico” cuja ação final é o impulso por comida que Thompson critica em seu texto sobre a economia moral da multidão inglesa²⁹. Essas condições de sobrevivência incluem, como disse o próprio Diomício Freitas, casas residenciais mais confortáveis, um clube recreativo, etc. Logicamente, sobrevive-se sem um clube recreativo, por exemplo. Contudo, a possibilidade de ganhos para os trabalhadores era eminente e os mesmos não possuíam nenhum motivo para não aceitar de bom grado as ofertas patronais. Como disse E. P. Thompson,

“O beneficiado com as ofertas não precisa sentir-se em obrigação com o doador nem reconhecer seu prestígio (salvo os tributos necessários de uma presumível deferência) – e o grau de subordinação assegurado pela caridade pode depender de um cálculo das vantagens do jogo.”³⁰

Há em Criciúma, nesse momento, um cálculo das vantagens em jogo, e é nesse sentido que pautam-se as ações dos mineiros da Metropolitana. Pode-se imaginar que valeria a pena qualquer cena de dissimulação frente ao patronato se os ganhos pretendidos fossem

²⁹ THOMPSON, E. P. **A economia moral da multidão inglesa no século XVIII**. In: *Costumes em Comum*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

³⁰ THOMPSON, E. P. **Folclore, Antropologia e História Social**. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas. Editora da Unicamp, 2001. p. 245.

alcançados. Todo o radicalismo, solidariedade e engajamento havidos na greve de um ano atrás não podem ter sumido de uma hora pra outra em virtude de um time de futebol. Nesse sentido é que a relação paternalista proposta pelos Freitas encontra aceitação mútua – apesar de não funcionar nos moldes propostos pelo minerador.

Os mineradores poderiam tirar ótimos proveitos de sua relação com o futebol. Álvaro Catão (Dono da carbonífera CBCA, à qual o Atlético Operário era ligado), e Diomício Freitas se elegeram, inclusive, deputados federais com a ajuda da imagem que construíram no espaço público a partir do futebol. Este último usou, descaradamente, o Metropol como seu cabo eleitoral³¹. Podemos perceber a imagem construída no espaço público através da seguinte notícia:

“Não resta a menor dúvida de que Criciúma, nos últimos tempos, vem se destacando, no seu meio esportista, com o desenrolar, entre nós, de importantes pejejas futebolísticas, patrocinadas por destacadas figuras da nossa industria carvoeira. (...)

O fato é para merecer congratulações aos patrocinadores da idéia, porque, assim, deram sanchas (sic) ao nosso meio esportivo para a diversão, grandemente incrementada nos nossos dias, em todo país, senão mundialmente conhecida e praticada.

Oxalá que a pratica destes convites continue merecendo, sempre, a aceitação de outros clubes para boas e importantes pejejas entre nos.”³²

A referência é exatamente à Catão e Freitas. Ambos trouxeram para Criciúma grandes clubes do futebol brasileiro, como o Flamengo de Gerson, o Botafogo de Nilton Santos e Garrincha, o Santos de Pelé, entre outros vários. É construída uma imagem em torno de ambos de pessoas preocupadas e engajadas na melhoria do lazer urbano de Criciúma – além de trazer consigo a idéia de uma cumplicidade com a cidade.

E com o golpe,

“A diretoria do sindicato foi destituída em 10 de abril de 1964 e presa com mais outros 40 mineiros militantes sob a acusação de praticas subversivas e de serem simpatizantes ou filiados ao partido comunista. As lideranças sindicais que restaram, amedrontadas, não se manifestaram durante os anos de repressão em que os sindicatos foram administrados por interventores ou por mineiros eleitos em pleitos “fraudulentos”(…).

A repressão, a intervenção e todas as medidas de força do governo militar instalado no país, que visavam a desestabilizar o movimento trabalhista sindical, se estenderam em Criciúma até 1976, quando novamente aparecem ensaios de movimentação entre os trabalhadores mineiros, na tentativa de dinamizar os sindicatos, caracterizando-os por órgãos de defesa dos interesses dos trabalhadores.”³³

³¹ O Metropol ia jogar em município menores do sul de Santa Catarina em troca de votos. Entravam em campo com uma faixa com os dizeres “Vote em Diomício Freitas” e entregavam brindes do candidato para a torcida.

³² O padrão esportivo de Criciúma: A repercussão do nosso futebol no Estado. **Tribuna Criciumense**. 10 de julho de 1961. p. 9.

³³ VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão**. Tubarão: Editora Unisul, 2001. p. 169-170.

Considerações Finais: o gol contra de 1964 e o AI-5.

Com o golpe de 1964 e a intervenção no sindicato, o movimento operário ficou bastante “engessado” em Criciúma. Por seu histórico, nos parece que Criciúma era uma das chamadas cidades de “segurança nacional”. Os militares vigiavam constantemente as ruas e não foram poucas as pessoas presas na metrópole do carvão. Após a truculência de 1964, o movimento operário de Criciúma perdeu forças e ficou imobilizado, como afirma Volpato, até 1976.

Em 1970, Metropol, Comerciarío e Atlético Operário fecharam seus departamentos de futebol. Os dois últimos fecharam, declaradamente, por problemas financeiros. O fim do Metropol é mais controverso. Alguns dizem que depois que o Metropol foi trapaceado pela CBD³⁴ nas semi-finais da Taça Brasil em 1969 – para beneficiar o Botafogo do RJ – o time se “desencantou do mundo”. Não consideramos esta hipótese muito convincente. Acreditamos que dois motivos foram decisivos para o fim do Esporte Clube Metropol. Em primeiro lugar, o fim da sociedade Freitas/Guglielmi, ocorrido em 1970. Em segundo, porque o golpe militar e o AI-5 já haviam feito o serviço sujo que os Freitas haviam idealizado para o time. Nos torcedores, restou a saudade.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. **O futebol nas fábricas**. *Revista USP*, n° 22, jun./ago.1994.
- ARNS, Otilia. **CRICIUMA 1880-1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis: Casa Civil, 1985.
- BERNARDO, Roseli Terezinha. **O tempo e os espaços de entretenimento das famílias operárias mineiras**. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis. Cidade Futura, 2004.
- CORRÊA, Maurício Ghedin. **Lembrando os Heróis do Passado: uma História Social do futebol em Criciúma (1950-1970)**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- DAVIS, Natalie Zemon. **"Las formas de la historia social"**. *Historia Social*, 10 (1991).
- FORTES, Alexandre. **“Nós do quarto distrito”: A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Campinas, 2007. (tese de doutorado).
- GENOVESE, Eugene. **A terra prometida: o mundo que os escravos criaram**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.
- GOULARTI Filho, Alcides (org). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis, Cidade Futura, 2004.
- GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. **Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos 1950 e 1960**. In: *Memória e cultura do Carvão em Santa Catarina*. Florianópolis, Cidade Futura, 2004.

³⁴ Confederação Brasileira de Desportos.

LEITE LOPES, J. S. **Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro**. In: BATALHA, Cláudio.; SILVA, Fernando Teixeira da.; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

LEMOS, Gustavo Perez. **Mineiros e Sindicalistas em Criciúma: A greve de 1952**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. (Trabalho de Conclusão de Curso em História).

_____. **Mineiros e sindicalistas na cidade do Carvão: Criciúma, 1952-1964**. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. (dissertação de mestrado).

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro. Vício de Leitura, 2002.

PERROT, Michele. **As três eras da disciplina industrial na França do século XIX**. In: *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1988.

Revista “**O futebol da região mineira**”.

SILVA, Jr., José da. **Histórias que a bola esqueceu** – a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

THOMPSON, E. P. **A economia moral da multidão inglesa no século XVIII** . In: *Costumes em Comum*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

_____. **Patrícios e Plebeus**. In: *Costumes em Comum*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

_____. **Folclore, Antropologia e História Social**. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas. Editora da Unicamp, 2001.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão**. Tubarão: Editora Unisul, 2001.

_____. **A pirita humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.